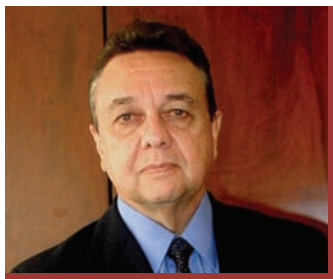


## Diário de bordo

## Feliz 2011!



Roberto Rodrigues\*

**B**OA PARTE dos analistas agrícolas prevê um 2010 com dificuldades para os produtores rurais brasileiros, e esta expectativa se baseia em cinco questões: a primeira é a forte valorização do real ante o dólar, o que já vem inibindo a competitividade de vários de nossos melhores produtos, como a carne; o segundo é a possibilidade de queda dos preços de *commodities* em função de recordes de produção mundial, como é o caso da soja; o terceiro é a especulação, que já vem afetando dramaticamente alguns produtos, especialmente o café.

Um quarto tema é ligado a um efeito da crise financeira de 2008, a redução do consumo de produtos, como o suco de laranja.

Mas há um quinto elemento sobre o qual não há manifestação, mas que no Brasil tem muita importância: 2010 será um ano eleitoral.

Ora, como pode a eleição afetar a atividade rural?

Simples: a maioria esmagadora dos eleitores brasileiros é urbana. Portanto, há uma tendência natural de que as plataformas sejam voltadas ao interesse dessa maioria. Isso implica, por exemplo, alimentos baratos. E isso significa que não se deve esperar muito em favor da renda dos produtores rurais. A única possibilidade oposta seria a escassez de produtos, o que não ocorrerá. E, com o câmbio pre-

judicando severamente as exportações, o mercado interno torna-se prioridade e a oferta cresce mais que a demanda. Sem proteção como o seguro ou preços mínimos, o produtor estará entregue à própria sorte, ou ao próprio azar.

Ademais, temas verdadeiramente importantes, mas também simpáticos à opinião pública em geral, como a segurança alimentar e a defesa do meio ambiente podem ser usados contra os interesses legítimos dos agricultores, como bandeiras eleitorais em discursos fáceis e nem sempre consistentes.

E tudo isso embrulhado no perfil eminentemente urbano dos candidatos postos até agora.

Portanto, o ano eleitoral poderá ser um adicional de periculosidade para o câmbio, para o excesso de oferta, para o rescaldo da crise financeira e para a especulação gananciosa dos mercados. Poderá ser!

Mas também poderá não ser, e isto depende fundamentalmente da capacidade dos produtores rurais, por meio de seus principais órgãos de representação, de se organizar para levar aos candidatos e à sociedade um sólido programa de governo que considere exatamente os temas apontados. Só uma agropecuária forte será capaz de garantir a segurança alimentar do povo brasileiro, com excedentes exportáveis que mitiguem a fome no resto do mundo, e de maneira sustentável, protegendo nossos recursos naturais.

Temos todos os elementos para produzir um programa dessa natureza. Porém, o mais importante não é fazê-lo, é convencer a sociedade de seu valor e da sua importância. Só assim os candidatos o abraçarão.

Está na hora de cuidar disso porque, caso contrário, 2010 será tão difícil que só nos restará desejar um feliz 2011. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

## Início do ano exige cautela



Cesário Ramalho da Silva\*

**O** PREJUÍZO à competitividade do agronegócio em razão do câmbio apreciado mais a superprodução mundial de algumas culturas, com destaque para a soja, e as naturais indefinições políticas dos mercados em ano de eleições vão exigir cautela do produtor rural em 2010.

O real excessivamente valorizado ante o dólar encarece o produto brasileiro no exterior, dilapidando a renda do produtor rural. Em estudo divulgado no final do ano passado, a Sociedade Rural Brasileira mostrou que o real tinha obtido uma valorização superior a 30% em 2009. O euro, por sua vez, tinha registrado uma valorização próxima a 8% em relação à moeda norte-americana. A análise revelou também que o exportador brasileiro de soja, por exemplo, teve uma queda de rentabilidade de 24%.

O fato é que o câmbio torna-se muito importante para o desempenho das exportações e da economia brasileira porque, nas questões estruturais, as coisas estão péssimas, especialmente, na infraestrutura logística. Isso sem contar outros entraves, como a carga tributária asfixiante, que infla o chamado Custo Brasil. Com tudo isso, a conta simplesmente não fecha para o produtor.

Na parte da produção, caso se concretize a estimativa de uma supersafra mundial de soja (Brasil, Argentina e Estados Unidos), as cotações da oleaginosa se de-

teriorarão na Bolsa de Chicago, deixando o horizonte ainda mais nebuloso.

Avalio que o sojicultor terá prejuízo na safra 2009/10. Em março, quando o produtor for vender a soja, ela deverá estar valendo por volta de R\$ 31 a saca, usando como referência o preço médio de dezembro do ano passado. Hoje, o hectare de soja custa ao produtor R\$ 1,6 mil, ou seja, para equiparar com a produção seria necessário que ele vendesse cerca de 40 sacas, cada uma valendo R\$ 40 e isso não irá acontecer.

Esse cenário de perda de receita poderá impactar negativamente também no endividamento rural. Sem ter como pagar, o produtor vai ter de renegociar a dívida mais uma vez. O produtor está cansado disso. O Brasil precisa, com urgência, de uma política de Estado para a agricultura, que proteja o segmento. Massificar o seguro rural é um investimento mais inteligente do que anualmente ter de ficar lidando com a dívida agrícola.

Se não bastassem os desafios estruturais e conjunturais, 2010 é ano de eleições, situação que por si só provoca certo nervosismo, engaveta projetos, põe todos na defensiva, desenhando um quadro que pede prudência. É natural.

Falaremos muito sobre eleições no nosso encontro mensal. Como recado inicial, é importante que o produtor conheça os candidatos de sua região, que tenham identidade com o setor rural. Para viabilizarmos políticas públicas favoráveis ao agronegócio, precisamos eleger representantes competentes e ligados à agricultura e à pecuária. Sem qualquer vínculo partidário, a Sociedade Rural Brasileira defende a bandeira do produto rural nacional.

Ao longo de três anos, fizemos deste espaço um painel de críticas e principalmente de propostas para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, impulsionado pelo agro. Com base neste material, iremos preparar um documento com o pensamento da SRB sobre o futuro do setor, que entregaremos aos candidatos. Convidamos o caro leitor a colaborar. ■

## Opinião

# As cidades nos conhecem?



João Sampaio\*

AS PERSPECTIVAS e oportunidades para 2010 se apresentam melhores. Pelos números apurados no agronegócio, comparados ao quadro pessimista que se desenhara em outubro de 2008, auge da crise econômica mundial, 2009 foi além das expectativas. Alguns setores obtiveram bons preços internacionais, caso do açúcar e de madeiras. O câmbio castigou outros de forma dolorosa, particularmente, café, citros, grãos e carnes. A renda do produtor ficou prejudicada, entretanto nos superamos e oferecemos ao consumidor produtos de qualidade a preços competitivos.

Apesar da constante superação do agronegócio, a sociedade eminentemente urbana não nos percebe. O último censo do IBGE aponta que 81% dos brasileiros vivem nas zonas urbanas e só 19% em áreas rurais. Claro que essa leitura soa simplista, uma vez que boa parte dos produtores vive em pequenas cidades do interior. Mesmo assim, as metrópoles e as regiões metropolitanas concentram o grosso da população.

Mesmo com sucessivos recordes de exportação e garantia de *superavits* para a balança comercial brasileira, internacionalização e competitividade das empresas do setor e de 37% dos empregos gerados no País virem do agronegócio, a maioria da população desconhece o que fazemos no campo. Entramos na casa de todos,

diariamente, e permanecemos distantes. A imagem é de um grupo de “reclamações” aos olhos da sociedade e das classes políticas. Essa incompreensão deve ser debitada também em nossa conta.

O nosso reconhecimento como um dos setores responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico do País apenas virá se as entidades que representam os produtores forem conhecidas e respeitadas além das fronteiras do segmento. Para isso, nossa ação política é fundamental. Em 2010, teremos eleições para presidente da República, governadores e a escolha dos nossos parlamentares. Não podemos fingir que não há nada a ver com a gente. Nas assembleias legislativas e no Congresso ocorrem debates e decisões sobre assuntos que interferem na nossa produção diretamente. Agora mesmo, estão sendo discutidas a reforma do Código Florestal e questões tributárias relevantes. Contar com representantes do setor depende de nossa organização.

Além disso, o conteúdo programático para agropecuária dos candidatos a cargos executivos deve ser exigido pela classe produtora, não podemos ser mais um item indefinido no emaranhado de tratativas, mas temos de ser “o” capítulo. Cobrar posicionamentos daqueles que pretendem ser os mandatários do País é nossa função. A mudança de imagem do campo para toda a sociedade passa pela nossa interferência e representatividade política.

Da mesma forma que acredito ser informação o maior ativo do produtor rural, também creio que investir na imagem do setor e na formação da opinião pública se configura como nosso maior desafio. Para 2010, vale repetir, considerando que alguém de fora do agronegócio leia este artigo, que além de todas as outras barreiras que enfrentamos - falta de política de crédito moderna e seguro rural popular, problemas com infraestrutura e logística precárias, tributação e legislação ambiental exacerbadas -, também teremos de nos comunicar melhor. ■

\* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

\* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo